



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

editorial

Os jornais de Fão são azarentos no que diz respeito ao pagamento de assinaturas. O penúltimo jornal foi "O Fanguero". Leia-se o que reclamava o respectivo director António Carlos Esteves contra os que se esqueciam de o pagar, em Janeiro de 1962.

OS PEQUENOS JORNAIS E OS GRANDES CALOTEIROS

"O homem, esse conhecido lobo de mãos no ar e de rabo metido entre as pernas quando lhe cheira a urso, não é, nem de perto nem de longe, o que os biólogos, os antropólogos, os filósofos, os barbeiros e os bêbados, dizem que é.

O homem, esse conhecido e refinadíssimo soprador de poeiras radioactivas e radiofónicas, é, segundo os sapientíssimos tratados de Comércio, um bugalho entalado entre o Deve e o Haver.

Essas duas traves mestras da lura humana, entre as quais o homem medra ou desmedra, são de raiz diferente, de musicalidade dissonante e de vivência diametralmente oposta.

Apesar destes caracteres que as diferenciam e compelem a uma repulsa mútua, elas funcionam na melhor das vizinhanças nas páginas arripiantes dos livros das mercearias, dos talhos, das sapatarias, das alfaiatarias e de outros depósitos afins onde o bicho homem pasta e se agasalha.

O homem, esse bazofento peru armado ou de monco caído conforme os caprichos e os fedores da Sorte, vive, e com ele tudo quanto lhe está adstrito, num entalço constante pelo constante furto ao cumprimento do dever.

O homem, esse conhecidíssimo palhaço triste, distingue-se de lantejoulas ou de farrapos repugnantes, distingue-se dos outros animais pelo esporão do caloteirismo.

(Continua na pág. 12)

ONDE, A PROPÓSITO DO PINHAL DE FÃO, SE FALA DA ACRÓPOLE

Vamos, pois, continuar a responder aos textos da nossa prezada colaboradora MR, inseridos nos números 173 e 174 de "O Novo Fanguero", nos dias 10 de Setembro e 10 de Outubro, respectivamente.

Como se recorda, a tese de M. R. assenta fundamentalmente na convicção de que o progresso de uma terra está em relação directa com o seu maior ou menor número de habitações.

Será isto verdadeiro? Que progresso? Vamo-nos socorrer de um exemplo que, quanto a nós, não parece conciliar-se com a teoria expandida pela nossa prezada colaboradora. Estivemos há meses na Grécia e estanciamos alguns dias em Atenas, berço da civilização helénica, onde o génio grego resplandeceu, quer na Filosofia, quer nas

Ciências, quer ainda nas Artes. E se no ramo de saber não há testemunhos desnudos que nos iniciem na filosofia socrática, platónica ou aristotélica, ou nos orientem pelos meandros do teorema do quadrado da hipotenusa (Pitáforas), pois tais conhecimentos estão refugiados e protegidos na memória dos livros, já no domínio da arte temos à vista desarmada essa maravilhosa Acrópole de que o Partenon é a expressão mais enriquecedora.

Esta antiga cidadela é um promontório de pedra calcária posicionada quase 100 metros acima da cidade de Atenas. Começou, dada a sua elevação, por servir de fortaleza. No século VI os Pisítratos mandaram lá construir uma série de santuários. Era ali que se celebravam todos os anos as famosas festas

(Continua na pág. 6)

PROSAS

inSIGNIFICANTES - 3

J. C. VINHA NOVAIS

1. O gosto pelo Teatro é quase uma característica ancestral dos fangueros. O Teatro de Revista perdura desde há, pelo menos, 70 anos. Mas a Revista será uma modalidade a permitir uma actividade permanente de um Grupo Dramático? Uma actividade capaz de ocupar, com continuidade, a juventude, e não só, como vemos suceder (veja-se o "País, País" do Canal 1) por este País fora, em vilas e aldeias? Julgo que para tal há uma dificuldade quase insuperável: a renovação do repertório. Não será tempo de o Solinho, o Chico, o Barbosa (e muitos outros), vocações inegáveis para o Teatro, se abalancharem a outros voos e começarem a dar-nos um repertório mais variado? Estou a imaginar qualquer um deles no papel do *Diabo* e outro no de *Frade* no auto da Barca do Inferno de Mestre Gil:

O Diabo

À barca, à barca, hou lá,
Que temos gentil maré!
Ora venha o caro à ré:

.....
Oh que tempo de partir
Louvores a Berzebú
Ora sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leite

.....
Abaixa-me esse cu!
Faz aquela poja lesta;
E alija aquela adriça.

O Frade

Juro a Deus que não t'entendo
E este hábito me não vaçe?
Eu hei-de ser condenado
Um padre tão namorado
E tanto dado à virtude!

.....
Como, por ser namorado,
E folgar com uma mulher
Se há-de um frade perder,
Com tanto salmo rezado?!

Para além de Mestre Gil, quantos mais

(Continua na pág. 6)

! Aos mais pudicos que se sintam chocados com a linguagem (e a crítica) vicentina, recordo que Gil Vicente apresentava os seus Autos na Corte de D. João II e perante a Rainha D. Leonor, a fundadora das Misericórdias.

ESPOSENDE

Por **ARTUR L. COSTA**

• Associação de Dadores de Sangue não páral

Com a entrada do novo ano, a Associação de Esposende dos Dadores de Sangue já programou a sua campanha.

"Dar Sangue é dar vida", insistem os dadores voluntários por considerarem um acto humanitário de auxílio ao nosso semelhante. No dia 10 de Janeiro, a brigada de recolha de sangue do Instituto Português de Sangue e a Associação de Dadores de Esposende iniciam a campanha na freguesia de Antas. A recolha será efectuada no Centro Paroquial.

Forjães terá a sua vez em 24 de Janeiro no Centro Materno Infantil e a 7 de Fevereiro será em Esposende no Centro Paroquial a recolha de sangue.

Será de realçar o facto de as recolhas continuarem a subir, sinal de interesse da população do concelho por estas dádivas voluntárias.

• Publicada a Monografia de Aborim (S. Martinho) – As raízes da freguesia

"É natural o amor à terra onde nascemos", inicia-se, assim, o texto de apresentação da 1.ª Monografia de S. Martinho de Aborim (Barcelos), da autoria de Mons. Baptista de Sousa, Pároco resignatário de Esposende. De facto, o autor, é natural desta freguesia e, "pelo muito amor cutido pela nossa (sua) terra de Aborim" levou o sacerdote a intenso trabalho na busca de elementos, para a publicação desta Monografia.



Aspectos de Aborim

O trabalho, bem elaborado, constituído por 374 páginas e muitas fotografias a cores, divide-se em duas partes distintas: Área social e civil, e Área Religiosa. E, o autor, justifica: "São os caminhos e as estradas, as casas e as fontes, as famílias e as escolas, a igreja e a vida religiosa, o campo e a fábrica, as malhas da grande teia que vão constituindo a história local". Por isso, o autor vai em busca e pesquisa das raízes de Aborim, o seu enquadramento nas terras de Neiva e na bacia do Cávado pela fronteira de nascente com o concelho de Esposende.

O patriotismo a partir do século XIII, com as inquirições de D. Afonso II e o seu desenvolvimento; as vias do progresso social dado pela passagem do combóio da linha do Minho e a sua Estação de Tamel, a família dos nobres, os monumentos religiosos (e não só!), além das quintas dos fidalgos: a da Boavista, de Celeiró, da Portelinha, da Mourisca e o Paço ou Solar dos Barbosas. A partilha dos montes e dos baldios, o esforço das gentes no

trabalho dos campos, a Junta Paroquial, os seus Homens ilustres, os párocos ao longo dos tempos, os heróis e guerreiros.

O caminho de Santiago e as personagens ilustres que por aí teriam palmilhado a terra em peregrinação, enfim, um conjunto de factos riquíssimos de história e de "muita devoção à terra onde nasceu", como afirma o Autor.

Também, as desgraças provocadas pelo excesso de poder, em má hora entranhado no corpo e na alma de cada cidadão, mesmo de nobres e guerreiros.

O livro tem uma apresentação apreciável, contém a biografia do Autor e a lista das suas obras publicadas, apontamentos que valorizam a história da freguesia de S. Martinho de Aborim, demais, escrita por ilustre filho da terra. Aliás, Mons. Baptista de Sousa é já uma figura de realce nas letras desta região da beira-Cávado, pelo que recomendamos a sua leitura atenta, sobretudo, pelos naturais da freguesia.

• Casamento

Sandra Ferreira e João Morais

Contraíram matrimónio, em 5 de Dezembro último, Sandra Ferreira com João Morais, cerimónia que se efectuou no Mosteiro do Bom Jesus de Fão.

O noivo, natural e residente em Fão é filho da Professora Maria Angelina Pereira da Silva Mota Real Morais e de Emídio Real de Morais, bancário aposentado. A noiva, natural de Apúlia, é filha de Maria Adélia Carvalho Palmeira e de Secundino Sousa Ferreira, residentes em Apúlia.



Presidiu à cerimónia nupcial o Padre Manuel José Gonçalves, anterior pároco de Fão, coadjuvado pelo Padre José Villar, Arcipreste de Esposende e pelo Padre Manuel Neiva, Prior de Apúlia. Assistiram às cerimónias numerosos convidados e amigos, em representação de sectores da vida social e associativa de Fão, colegas de trabalho que se reuniram em almoço de confraternização para celebrar as bodas que decorreram nas instalações do hotel Ofir. Participou um animado conjunto musical, e bem assim, o Coro Polifónico de Fão.

O "Novo Fangueiro" deseja muitas felicidades aos noivos e extensa "Lua de Mel" e muitos parabéns aos pais.

• Falecimento

Eng.º Reinaldo Gouveia Saraiva de Castilho

Após doença prolongada, faleceu em 12 de Dezembro último Reinaldo Gouveia Saraiva de Castilho, 80 anos, industrial, natural de Vila Nova de Foz Côa e radicado em Esposende há muitos anos.

O extinto deixa viúva D. Maria Fernanda de Castro Castilho; era pai de Berta Maria, actual gerente fabril, casada com Rui Bacelar Ferreira, e de Paulo José e de Maria Sofia.

O Eng.º Reinaldo de Castilho teve actividade intensa em Esposende: foi vereador na Câmara Municipal de Esposende, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Esposende e pertenceu a outras associações locais, onde a sua participação foi profícua e relevante; pertenceu à Comissão de Avaliação de 1.ª Instância de Contribuições e Impostos e foi técnico consultor na secção de obras da Câmara Municipal de Esposende. Como industrial, tomou a iniciativa da construção da sala de cinema polivalente ao serviço da cultura, mas seria na actividade dos lacticínios que se distinguiu. Em 1954, adquiriu as instalações de Lacticínios de Esposende, mais tarde denominada Lacticínios de Marinhos, com a famosa manteiga Ofir.

O seu corpo esteve em câmara ardente numa das salas dos Bombeiros Voluntários de onde saiu o féretro para o cemitério municipal.

"O Novo Fangueiro", apresenta aos familiares sentimentos de muito pesar.

FALECIMENTOS

• Faleceu em Esposende, onde havia casado, o nosso conterrâneo Manuel Guedes da Silva, mais conhecido por Guedes.

• No dia 31 de Dezembro faleceu em Fão Isaura de Jesus Reis (Paralta). Veio a ser enterrada no cemitério de Fão.

• No dia 4 de Janeiro faleceu na Rua Serpa Pinto a nonagenária Maria Ramos Saraiva.

Foi enterrada no dia 6, dando tempo a que sua nora, ausente em França, pudesse chegar a tempo do funeral.

As famílias enlutadas os nossos pêsames.

Festas de Natal nas escolas

Nas escolas de Santa Bárbara e das Pedreiras o Natal foi devidamente comemorado. Além de uma refeição natalícia, houve recitativos, canções, distribuição de prendas e de prémios. Damos a seguir uma relação dos alunos premiados.

Escola Santa Bárbara:

Pedro Miguel Monteiro Ribeiro, Pedro Tiago Cardoso Curto, João Pedro Ferreira Neves, Vítor Alexandre Gaifém S. P. Queirós, Fábio Diogo Soares Miranda, Bruno Miguel Barbosa da S. Gonçalves, Nuno David Lopes de Araújo, João Rui Rei Soares, Sílvia Patrícia Viana Catarino, Carla Sofia da Silva Sousa, Patrícia da Silva Palma Rio, Ana Catarina Macedo Figueiredo e Romina Alexandra Coelho da Silva Fonseca.

Escola das Pedreiras:

João Tiago Ribeiro Agra da Venda.

Pagaram a Assinatura:

João Manuel Delgado Reis, 20.000\$00; Manuel Ferreira Graça, 1000\$00; José Capitão Neto, 1000\$00; Manuel Lopes Gaifém, 2000\$00; João Maria de Sousa Nunes, 10.000\$00; Abel da Costa, 2000\$00; Dr. Luís Gonzaga Eiras de Azevedo, 5000\$00; Benjamim da Costa Lopes, Brasil, 13 reais; Pãpã, 1000\$00; Eng. José Manuel Oliveira Silva, 1000\$00; António Cândido Mota Lopes, 1000\$00; Luís Morais da Silva, 1000\$00; Gabriel Carreira Gaifém, 1500\$00; António Ferreira do Vale, 1000\$00; Miguel Silva Ferreira Pereira, 2000\$00; Dr. Joaquim Barros Peixoto, 2500\$00; Dr. António Ferreira de Brito, 2500\$00; Rufino Soares, 1000\$00; José Pedro Lima de Sá, 1000\$00; José Manuel Silva Carvalho 1500\$00; Graça José, 1000\$00; António Graça do Vale, 1000\$00; Francisco dos Santos Solinho, 1500\$00; Margarida Trindade Linhares, 1000\$00; Maria Augusta Gonçalves Moledo, 1000\$00; Manuel Gomes da Costa, 1000\$00; Carlos Amâncio Carvalho Dias, 1000\$00; Iracema Costa Louro, 1000\$00; Joaquim Cardoso da Silva, 1500\$00.

Muitos e valiosos jackpots no Casino da Póvoa

Durante o mês de Novembro ascenderam a 416.464.603\$00 os prémios saídos nas máquinas automáticas do Casino da Póvoa, tendo os Jackpots manuais totalizado 27.944.419\$00.

Mais de uma dúzia de prémios foram de um valor superior a um milhão de escudos e que contemplaram clientes de todo o Norte do País, com incidência em residentes no Grande Porto e uma idade média que ronda os 45 anos.

A qualquer hora poderá sair o automóvel BMW Z3, no valor de 7.500 contos ou o prémio acumulado "Expresso Estoril/Póvoa", que neste momento já vai a caminho dos 25.000 contos e que rapidamente subirá com a nova Sala das Máquinas, que se inaugurará dentro de dias e fará subir para 434 unidades o total de "slots" do Casino, número que dentro de um mês será de 510.

Mas o Casino poveiro não é só jogo. É também espectáculo e lazer. Há menos de um mês foi estreado o novo Show, de seu nome "O Conquistador", sobre D. Afonso Henriques, que se sabe já conquistou o público nortenho, graças à qualidade do elenco, ao brilho do desempenho, à riqueza do guarda-roupa e, sobretudo, à graça, alegria e humor com que este espectáculo foi construído.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

À base de - Deve dizer-se na base de e não à base de. Ex. na base de informações que consegui juntar preferi fazer os depósitos no banco X e não no banco 2. E nunca escrever: À base de informações...

Abat-jour

Com outras palavras equivalentes, quebra-luz, sobreira, pantalha, não tem justificação plausível o uso do galicismo abat-jour que se lê abajur.

Segundo recomenda Rodrigo Sá Nogueira, a forma mais aconselhável é quebra-luz.

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

V - A NOVA MATRIZ

Na pedra que encima a porta que dá da Capela-mor da Matriz para a sacristia do Santíssimo, está gravada a data de 1674. Essa data corresponde à da construção da actual Matriz de Fão com a traça primitiva embora, certamente, as obras não tenham sido totalmente concluídas nesse ano.

Na Biblioteca Pública de Braga, Arquivo Distrital, existe o Livro de Registo Geral n.º 17, onde, na página 128, se pode ler (actualizo a grafia): "Título do capítulo dos Estatutos que contém a fábrica da ermida de São Paio do lugar de Fão.

Dizem os moradores do lugar de Fão, que eles todos com esmolos que entre si fixaram têm reedificado e feito de novo uma maior ermida de São Paio do dito lugar que por ser mais antiga estava arruinada e com a aplicação do seu Reitor em razão da dita ermida mandada fazer há muito tempo por capítulos de visitação têm consignado todos à dita obra e porque vendo-se que é necessário para ela e para nós de se dizer missa o dito pároco dificulta sem licença de vossa ilustríssima em razão de ser a dita ermida toda feita de novo e acrescentada e quase toda mudada mais para trás mas feita toda dentro no adro antigo que se presume estar dentro pelas sepulturas antigas que nele se vêm e tudo feito com o parecer do dito Reitor. Pede a vossa Ilustríssima lhes faça mercê conceder licença para que o pároco possa benzer a dita ermida e o adro e se dizer missa nela e receberão mercê = Despacho = Informe o Pároco é segundo escritura da fábrica. Braga, cinco de Setembro de mil seiscientos e setenta e cinco. Dom Veríssimo. INFORMAÇÃO. Ilustríssimo Senhor "É justo tudo o que os suplicantes narram nesta petição, é dos estatutos juntos e termo neles incluso tem como obrigação cada um dos moradores, deste lugar, o pagar a esta ermida e confraria meio tostão de anual em cada um ano que à fábrica que tem cada uma das confrarias deste lugar e com prontidão acodem todos a este pagamento que pois se manda fazer e está consignado por capítulos de visita e agora de novo confirmado com os novos estatutos de que pessoal consta a vossa ilustríssima antes de se fazerem para fora havendo permissão por este modo da escritura da fábrica para esta ermida e confraria a qual em razão de não ter tanta obrigação de meios como as outras desta freguesia perora em cada um ano com mais de quatro mil reis livres para sua fábrica que mostra como o que pusemos ajustando e será preciso dade-os? conceder-lhes vossa ilustríssima a mercê que pedem. Vossa Ilustríssima fará o que for servido. Guarde Deus a pessoa de vossa Ilustríssima por muitos anos. Fão, quinze de Outubro de mil seiscientos setenta e seis. O Reitor Manuel Maciel Jordão = DESPACHO = Registado o capítulo dos estatutos que contém a obrigação da fábrica e esta informação condiz. Damos a licença que se pede. Braga, dezassete de Outubro de mil seiscientos e setenta e seis. = Dom Veríssimo. CAPÍTULO = Ordenamos e determinamos que todo o homem casado morador no distrito desta paróquia pague por si e sua mulher de entrada em cada uma destas confrarias cinquenta reis anual em cada um ano, aos clérigos, viúvos, viúvas e solteiros que não forem filhos família a vinte e cinco reis excepto para a confraria do Santíssimo Sacramento que para a qual se pagarão os ditos anuais dobrados a saber os casados tostão reis e os clérigos, viúvos, viúvas e solteiros a cinquenta reis isto não se entende para

a Confraria é devoção de São João para a qual se não paga nada como se declara no seu capítulo adicional e todos estes anuais se pagarão na forma seguinte a saber para a confraria do subsino em dia de todos os santos.....? e para todas as mais acima declaradas se pagarão na festa na mesa que para esse efeito terão os oficiais porta quinze dias antes da data em que se costumam festejar com declaração de que o que não pagar seja dado em rol pelo oficiado ao pároco para proceder contra ele até com efeito pagar na forma sobredita e como é costume e capítulos de visitação que sobre essa matéria há e declaramos que para a dita Confraria do Santíssimo Sacramento se pagam maiores anuais do que para as mais em razão de não ter fábrica nem rendimento algum para o azeite da lâmpada, cera dos pobres? e dos domingos terceiro e mais ornato veneração e outras funções que costuma fazer a dita confraria e que para todas as mais acima ditas excepto a de S. João, se paga meio tostão em razão de não ficarem com alguma fábrica nem outro algum rendimento para veneração, conservação e reedificarem o que sempre os oficiais fizeram com os seus anuais somente e não dizia mais nada o dito capítulo que é regulamento da fabriqueira votação a qual treslado serão fielmente estatutos foram apresentados aos quais em toda a aprovação me reporto e por razão informação do Reitor em mãos hoje entregue, aos trinta e um Outubro de 1676.....? Miguel Ant.º Azedo".

Assim, a Igreja de S. Paio, Matriz de Fão, deve ter sido benzida em finais de 1676, portanto há 322 anos.

Do documento consta apenas as Confrarias do Santíssimo Sacramento, do Subsino e de S. João mas deixa a ideia de que havia mais confrarias, para cada uma das quais pagavam o anual de meio tostão. Porque se trata, na parte que se segue ao despacho do Senhor Arcebispo, ao capítulo de visita, que passou a estatutos da Confraria, é provável que no referido capítulo constasse antes do texto transcrito o nome dessas confrarias.

Certamente corresponderiam a cada um dos altares, que eram Nossa Senhora do Rosário, Santa Cruz, Nossa Senhora da Boa Viagem, Almas, S. João e altar do Santíssimo Sacramento, onde se encontrava a imagem de S. Paio.

Segundo a Memória Paroquial de 1758, nesse ano, na Matriz só existiam as Confrarias das Almas, do Santíssimo Sacramento e do Rosário. Certamente houve lapso, pois devia existir também a do Subsino, que tinha funções de fabriqueira.

Mas, em 1600 existiam as Confrarias do Subsino (Santo Nome de Jesus), do Santíssimo, do Corpo Santo, N.ª Sr.ª do Rosário, S. Paio, S. Brás, Espírito Santo e certamente a das Almas e a Ordem Terceira de S. Francisco.

A da Senhora do Rosário foi extinta em 1875⁽⁴⁴⁾.

A do Senhor dos Passos, que também era antiga, acabou em 1888⁽⁴⁵⁾.

A de Subsino desapareceu com a criação da Junta de Paróquia, embora em 1863 se verifique que esta Confraria e a de S. Paio estavam a ser administradas pela Junta de Paróquia, que cobrava os respectivos anuais⁽⁴⁶⁾.

NOTAS - ⁽⁴⁴⁾ Acta da Junta de Paróquia de Fão de 12-9-1875; ⁽⁴⁵⁾ Idem, idem, de 13-5-1888; ⁽⁴⁶⁾ Idem, idem, de 3-11-1863.

OS CORREIOS – História e evolução desde a antiguidade (II PARTE)

IDADE MÉDIA

• Posta do Estado, em França

Na Renascença, século XV, foram construídas estradas em França o que permitiu o desenvolvimento de viaturas de transporte. É estabelecido, então, um serviço regular de correios oficiais.

Luíz XI, entre 1461 e 1468, chamou à sua administração os serviços postais e instituiu em 1464 o cargo de Conselheiro Grão-Mestre dos Correios de França. Cabia-lhe a superintendência da organização dos correios e a sua deslocação ao longo do País.

Foram instaladas estações de muda de quatro em quatro milhas. Só com passaporte do Grão-Mestre se podiam obter cavalos, em tais estações. Foi o início do correio público francês.

A Universidade de Paris manteve os seus mensageiros em virtude dos que eram do rei só transportarem documentos sobre processos (Correio oficial).

Em 1575 organizaram diversas linhas com carruagens, a partir de Paris. Depois, os mensageiros reais (1576) passaram a transportar correio privado.

Na época de Luís XIII, entre 1610 e 1643, introduziu melhorias na qualidade e número de veículos, parselhas de cavalos e pessoal. A posta passou a usar veículos fortes: carros de duas rodas e berlindas de quatro rodas. Criaram-se, também, carruagens para transportar oito ou mais pessoas.

Luíz XIV, entre 1638 e 1643 centralizou o serviço, que passou a ser exclusivo do Estado, criando uma inspeção do Correio.

O Ministro francês Robert Turgot criou, em 1775, as diligências reais com monopólio do transporte de passageiros e melhorou o do Correio. A mala-posta era eficiente e rápida (andava a galope) e conseguiu ligar Paris a Reims numa só jornada.

Com o aparecimento do combóio, a mala-posta manteve-se activa e nada a fez desaparecer, principalmente, pelas estradas Transalpinas.

A pequena posta foi criada no século XVIII: em Paris, Estrasburgo e várias cidades de França criaram estações para aceitar o correio, para distribuição local, ou seja, dentro da própria cidade. A posta rural foi criada em 1830. Os franceses foram os primeiros a estabelecer este serviço. Na região de Vendée, que é pantanosa, os carteiros rurais usavam andas ligadas às pernas com correias, para se poderem deslocar com facilidade; nas Landes serviam-se de uma vara comprida, para saltar por cima dos canais.

• Os Taxis ou Tasso no Império Germânico

No reinado do imperador Rodolfo I (1273/1291) fundador da Casa de Áustria – os Habsburgos, Amadeu Tasso organizou o serviço de correios a cavalo.

A família Taxis ou Tasso era oriunda da Cornello, região de Bérgamo, na Lombardia. As famílias desta região é que organizaram o serviço de correios nas várias repúblicas italianas.

Rogério de Tasso, no reinado de Frederico III, o imperador entre 1440 e 1493, criou em 1460 uma posta imperial a cavalo, e ligou Viena de Áustria a Bruxelas.

No reinado de Maximiliano I, (1493 a 1519), entre 1505 e 1516, Francisco de Taxis e seu sobrinho João Baptista firmaram vários contratos com a família imperial e criaram um serviço rápido de correios, que servia o Estado e os particulares. Porque este serviço era muito rentável, os Taxis passaram a pagar contribuição anual ao imperador ou aos príncipes e a transportar, gratuitamente, o correio oficial por algumas linhas principais.

A primeira linha organizada através da Alemanha ligava o Imperador Maximiliano, em Innesbruck, ao filho Filipe em Malines (Bélgica).

Os Taxis passaram a cobrir a Itália, Alemanha, França, Suíça e Espanha com um serviço de correio eficiente, rápido e pontual. Faziam a ligação Innesbruck e Bruxelas em cinco dias e meio no verão, levava mais um no período de Inverno.

Entre Bruxelas e Paris faziam o percurso em 44 horas e de Lião quatro dias; de Bruxelas a Granada, em Espanha, levavam 15 dias, mas a Toledo eram 12 dias.

Os sacos de Correio eram levados de uma estação à outra por cavaleiros a galope.

Foi no reinado do Imperador Carlos V (1519 a 1556) que os serviços de correios tiveram maior desenvolvimento. O tráfego cresceu bastante o que levou à cobertura de quase todos os países da Europa através de mensageiros que, de dia e de noite, galoparam através da vasta rede de estradas.

Na Áustria a posta de mensageiros evoluiu de forma idêntica à da Alemanha. Em 1530 criaram a carreira de Praga e a da Hungria. Os correios austríacos vieram a ser estatizados em 1723 e, no reinado da imperatriz Maria Teresa (1717 a 1780) estabeleceram-se ligações estreitas com a posta alemã dos Taxis.

Em meados do século XVIII todas as capitais estavam ligadas a Viena por correios a cavalo.

A pequena posta só começou em Viena em 1772 e os agentes do correio percorriam as ruas com uma caixa fechada, onde os utentes depositavam as cartas, para serem distribuídas. Sinalizavam a sua passagem com o toque de matraca.

A Suíça teve o seu serviço de correios. Os mercados de São Gall tiveram um correio regular para Nuremberga sendo seguidos por outras cidades e Cantões.

Beat von Fischer criou a “Fisherpost”, que abriu uma linha postal Berna-Zurique, em 1735, mas em 1739 prolongou-a até Genebra e Shaffouse.

Fischer era membro do Conselho de Berna e, em 1675, arrendou o serviço da posta ao Estado de Berna. Celebrou acordos postais com diversos Cantões e com a posta dos Tour e Taxis, além de vários países. A sua posta era eficiente e rápida.

Os serviços federais tomaram conta dos correios em 1848 e criaram a distribuição domiciliária com carteiros e mensageiros.

Os Países Baixos tiveram correios nas cidades, com boa organização e, conseguiram resistir à ofensiva dos Taxis. As diligências terminaram em 1803, com a criação da Posta do Estado que passou, entretanto, a assegurar a distribuição domiciliária por intermédio de carteiros nas cidades e mensageiros nas aldeias.

Faziam parte do transporte do correio os barcos nos rios e nos canais.

A Grã-Bretanha já no século XVI dispunha de carreiras para o serviço oficial. Também tiveram correio dos mercados, eficientes correios montados e organizados no século XVII.

Entre Inglaterra e a Escócia funcionou uma linha postal para transporte de correio oficial e particular. Fora dos percursos oficiais havia mensageiros privados, que ligavam com os correios oficiais.

Em 1680 havia uma empresa privada que entregava o correio ao domicílio contra o pagamento de um penny. Era o penny – post.

O estado acabou por chamar a si a distribuição domiciliária nas grandes cidades, mediante a cobrança do penny-post. As localidades mais pequenas mandavam procurar o correio na estação mais próxima.

Em 1801 a Administração dos correios oficiais criou os distritos rurais.

Foi importante o serviço de mala-posta inglesa que utilizava carruagens seguras, em geral, com quatro lugares de passageiros no interior e dez sobre o tecto, iniciaram este serviço antes de 1688.

Entre Londres e Bermingham começaram a funcionar em 1838 as ambulâncias postais.

Na Inglaterra criou-se o selo adesivo, da autoria de Rowland Hill, em 1840 e depressa de espalhou pela Europa. Antecipava o pagamento do serviço executado.

Outros países da Europa tiveram os seus correios, embora tardiamente organizados. A Dinamarca é um exemplo. O serviço postal funcionou devidamente regulamentado no século XVIII, enquanto a Noruega teve uma linha postal para hamburgo, com alguns correios interiores e os cavalos fornecidos pelos camponeses, em fins do século XIX. Os carteiros tinham percursos muito longos, com distribuição e recolha de correio.

A Suécia organizou uma posta militar devido à guerra dos Trinta Anos (1618/1648). Acabou, embora por intermédio de camponeses, por criar carreiras postais no interior do país. Tinha horários fixos para os pequenos percursos, cujo desrespeito era punido. Aqui, os mensageiros faziam percursos a pé e começaram a usar o cavalo na segunda metade do século XIX. Foi criada, então, a distribuição domiciliária nas cidades e estações na província.

A Finlândia evoluiu de forma igual à Suécia, quanto a correio, pois foi durante muito tempo parte deste País.

Rússia e Polónia fizeram um tratado postal em 1667 em que se obrigaram a encaminhar as cartas oficiais e comerciais com rapidez. Incluía o correio da Sibéria, com linha postal para Pequim, com o percurso mais longo em todo o mundo.

Nos finais do século XV a Rússia possuía transporte de passageiros em carros puxados por cavalos, no período de verão e de trenó no inverno.

Em 1650 foi criada a linha postal Moscovo_Riga, em ligação à posta de Brandburgo, a Hemel (actual Klaipeda) – Lituânia, Berlim e Cleves (Kleve em alemão).

Carlos Mariz e Artur Costa

(CONTINUA)

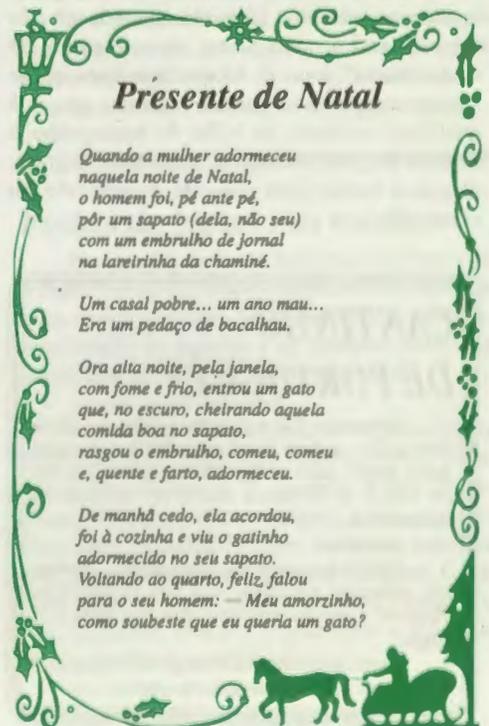
Presente de Natal

*Quando a mulher adormeceu
naquela noite de Natal,
o homem foi, pé ante pé,
pôr um sapato (dele, não seu)
com um embrulho de jornal
na lareirinha da chaminé.*

*Um casal pobre... um ano mau...
Era um pedaço de bacalhau.*

*Ora alta noite, pela janela,
com fome e frio, entrou um gato
que, no escuro, cheirando aquela
comida boa no sapato,
rasgou o embrulho, comeu, comeu
e, quente e farto, adormeceu.*

*De manhã cedo, ela acordou,
foi à cozinha e viu o gatinho
adormecido no seu sapato.
Voltando ao quarto, feliz, falou
para o seu homem: – Meu amorzinho,
como soubeste que eu queria um gato?*



PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Mais um ano que finda e outro que começa. Que o 1999 seja para todos vós um ano feliz. E que não falte a saúde, a paz, a alegria sã do trabalho cumprido, que são os maiores de todos os bens!

NOITE DOS ROUXINÓIS

Escutando com mais atenção, a não ser uma ou outra nota solta muito breve, cada um tinha as suas características próprias, o seu estilo e os seus temas musicais sobre os quais ia elaborando as mais inspiradas variações.

Comecei a sentir-me rodeado por rouxinóis. Vinha um canto plangente e soluçado da esquerda, outro mais breve e claro para leste, e mais à frente dum renque de choupos que se adivinha para nordeste, na direcção em que caminhava e com intervalos maiores, um canto de grande beleza instrumental mas terminando dum modo brusco, dramático.

Fui avançando e dei fé, a certo momento que me encontrava quase por baixo, e a poucos metros dum rouxinol, talvez o que me impressionara uns minutos antes.

Suspendera o canto ao aproximar-me mas como me tivesse imobilizado, recomeçou passados uns instantes.

Era emocionante, quase sobrenatural, pensar que era do peito daquela minúscula avezinha, de dimensões e plumagem bem mais modestas que a do vulgar pardal, que brotava todo aquele opulento fluxo musical. Que genial poeta, cantor, violoncelista, ele era!

(Cont.)

ANTÓNIO CORTESÃO
(in "A CINCO VOZES")

MONOTONIA PERSISTENTE

*Correndo de margem para margem
Já tudo é esperado e previsto
A novidade oculta-se
O fascínio perde-se.*

*Igual de dia para dia
Já tudo é previsível
O espanto foge
E a monotonia persegue*

Filipa Magalhães
(18 anos)



Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

ESBOÇO

SAUDADES VIOLÁCEAS
MEMÓRIAS TRANSLÚCIDAS
PEQUENOS MANSOS RIOS
DESLIZANDO
DA NASCENTE
DE UM CORAÇÃO SEM ALEGRIA
PARA A FOZ
DE UNS OLHOS SEM DISTÂNCIA.

CARMEN LUZ
15 anos

PAUSA PARA SORRIR

Uma cliente muito exigente está numa casa de modas a experimentar roupas, pois quer comprar uma toilet de luxo para ir a uma festa.

A empregada, cheia de paciência, vai-lhe mostrando várias peças, saias e casacos, vestidos, etc., mas a cliente acha que nenhuma lhe fica bem, não concorda com as sugestões dela.

A certa altura, pergunta-lhe:

- Não há nesta casa outra empregada, que seja mais inteligente que você?

Já sem paciência e ofendida, a empregada respondeu:

- Havia, sim, mas assim que viu a senhora entrar, foi-se logo embora!...

Uma senhora ia na rua e viu ao longe uma outra, sua conhecida, que era muito maçadora e que quando começava a falar era difícil fazê-la calar-se.

Não estando para perder tempo a aturá-la, fingiu que não a

vira e atravessou para outra rua.

Depois, em casa, contou ao marido como fugira ao encontro.

Passados dias, porém, ia o marido na rua e a tal senhora aproximou-se dele, cumprimentou-o e disse:

- Há dias vi a sua esposa na rua, mas ela não me viu.

Muito distraído, o homem responde:

- Eu sei. Ela disse-me...

ELEIÇÕES DO BOM JESUS

Houve eleições na Irmandade do Senhor Bom Jesus de Fão. Pareceu que ia haver luta renhida mas houve consenso. Eis a lista aprovada:

Assembleia Geral

Presidente - Manuel de Jesus Nascimento Júnior
Secretário - António Gonçalves Figueiredo
2.º Secretário - Joaquim de Jesus Carlos.

Mesa Gerente

Juiz - Adelino Gomes Fonseca Saraiva
Vice-Juiz - Horácio Martins de Matos
Secretário - António Gomes Viana
Tesoureiro - Feliz Vasco Gaifém
Vogais ou Mesários:

Domingos Reis Assunção
Manuel Carlos Ferreira Pereira
Angelino do Vale Miranda
João António Marques Alves
Casimiro Fernandes Matias
José da Fonte Gaifém
José de Azevedo Linhares

Conselho Fiscal

Presidente - Eng. Pedro Reis Campos
Secretário - José Lavandeira do Monte
Secretário - Manuel Curto



Adelino Saraiva firme no seu lugar de juiz

Onde, a propósito do pinhal de Fão, se fala da Acrópole (Continuado da pág. 1)

religiosas, as Panateneias, em honra da deusa Atenas. Em 510 o oráculo de Delfos ordenou que aquele local fosse reservado exclusivamente aos deuses. Em 480 (estamos na era AC - Antes de Cristo) os persas entraram na cidade, pilharam-na, destruíram os templos da Acrópole, mutilaram as estátuas, enfim, arrasaram o "santuário". Digamos que a alma helénica foi destroçada mas não desapareceu de vez. A todo o momento os gregos pensavam recuperar o "paraíso perdido". E isso aconteceu a partir de 450, sob a administração de Péricles. Assim surgiu uma nova Acrópole, símbolo e apogeu da cultura grega, sob a orientação artística do insuperável Fídias. Ali tudo era grandioso a começar pela estátua de Atenas Panténor, obra prima do escultor Fídias, que tinha 15 metros de altura e se guardava no Partenon.

Outros templos configuravam a Acrópole nomeadamente o de Atena Niké, obra do arquitecto Calícrates, o Erecteion onde ainda hoje se podem ver as cariátides, estátuas femininas, os Propileus do arq. Mnesicles. Tudo isto, esta construção harmoniosa, foi de novo destruída séculos mais tarde por invasores bárbaros e pelo imperador bizantino.

Depois que a Grécia conseguiu a independência, começaram de novo as obras de restauro que se tornaram mais sistemáticas depois do início do século e que ainda hoje continuam.

O lugar de Acrópole é respeitado e admirado pelo universo dos homens conscientes e cultos do mundo inteiro.

A nós, antigo professor da civilização grega, foi-nos sumamente grato tomar as refeições, no terraço do hotel, e podermos

contemplar estasiado esta relíquia da cultura antiga. Só foi digno de lástima termos tido a oportunidade de contemplarmos o paraíso de Zeus, de Urano, de Gaia, dos Titãs e dos Cíclopes, depois de cessarmos as funções docentes.

E a que propósito, perguntará agora o leitor, se torna necessário evocar a Acrópole num momento em que se estava a discutir a supremacia ou não das habitações perante as árvores? Para dizermos à nossa amiguinha M. R. que o município de Atenas se opõe à construção de prédios em demasiada altura para que os moradores e visitantes da cidade possam contemplar esta jóia da coroa da arte mundial. Ao espírito pragmático dos empreiteiros sobrepõe-se a faceta humanista, que neste caso é helenista, dos responsáveis gregos. Entendem eles que é benéfico para a Grécia que o seu génio seja admirado pelo mundo inteiro ainda que isso reduza a volumetria de alguns dos seus prédios. O prestígio da cidade não sai diminuído, antes pelo contrário.

(Continua)

PROSAS (Continuado da pág. 1)

autores podem ser representados por um grupo de pessoas que já manifesta um tão grande amor ao Teatro e é merecedora de todo o apoio (não só moral porque, este, é barato mas não chega!) para o aperfeiçoamento e actualização de actores, emsaiadores, etc.

Garret, Júlio Dinis, Bernardo Santareno Sttau Monteiro, Gralheiro, Salazar Sampaio e tantos outros dramaturgos nacionais e estrangeiros, modernos ou clássicos, aguardam que os tiremos dos livros para o palco que é onde os autores se realizam.

2. José Saramago ganhou o Prémio Nobel da Literatura. Não são só os *Levantados do Chão*, *os Sete-Sóis* e *Blimundas* deste País que estão de parabéns - estamos todos nós, está a literatura portuguesa. Mas não haja dúvidas: quem ganhou o prémio foi Saramago, não o Sr. Sousa Lara, nem o Presidente da Câmara de Maфра. Ao longo de toda a nossa história houve os grandes homens e houve os pigmeus, houve sempre os que estão de cócoras e os que se *levantaram do chão* contra todo e qualquer *cegueira*. Parabéns, Saramago.

Doente

Foi operada no Hospital de Fão a nossa conterrânea Idalina Salgado Torres. Foi operador o médico dr. Garrido. A intervenção correu bem e a paciente já está em franca convalescença.

Desejamos um pronto restabelecimento.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 53 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597208

O COMÉRCIO LOCAL

(Continuado da pág. 12)

Começou por nos dizer que não tem sentido diferenças no movimento comercial da casa.

– Isto não quer dizer que não haja necessidade de se fazer uma publicidade em forma. As pessoas passam na auto-estrada, apercebem-se das belezas do concelho mas deviam ser incentivados a visitar a zona, a apreciar as suas belezas, os locais magníficos que temos.

– Estou convencido que num médio prazo terras como Esposende, Fão, Ofir e outras passarão a ser mais visitadas.

Fomos a seguir à praça Dr. Fonseca Lima, um dos ex-libris de Esposende. Entrámos na Casa Solinha do nosso concelhês Ruca e fizemos-lhe as mesmas perguntas. Eis as suas respostas:



Ruca

“Tem havido uma diminuição sensível. Por um lado a concorrência é bastante. E depois as Grandes Superfícies também nos tiram muitos clientes que fazem normalmente as grandes compras e só quando precisam de uma esferográfica é que recorrem ao comércio local.

Acontece que em Esposende há bastante casario mas, em contraste, há aqui poucos viventes. As casas são ocupadas ao fim de semana ou nas férias.

Também a abertura de novas estradas veio dar melhor acesso ao Porto, a Viana, a Braga e fatalmente leva as pessoas a abastecerem-se af. Eu presumo que devemos ter sido afectados em 30 a 40% em relação a três anos antes. Não se deve esquecer que as aldeias se têm apetrechado mais convenientemente e as pessoas já não vêm fazer compras à vila ou à cidade como o faziam antigamente.

Faltam incentivos na terra, atracções que tragam cá as pessoas”.

Ainda em Esposende ou já algo fora dela, estão alguns restaurantes (perto da Solidal, passe a propaganda). Um deles é do nosso amigo Pimenta, que trabalhou alguns anos em Fão (Rita Fangueira). O inquérito foi sensivelmente igual.

Respondeu-nos assim:

“Neste momento o negócio desceu bastante, as entendo que dar para já números efectivos é prematuro, pois isto para já é uma novidade. Quando digo “isto”, quero dizer a nova auto-estrada e uma maior facilidade de visitar terras distantes. Ainda assim os fins de semana vêm mantendo uma certa regularidade.

De qualquer modo as grandes cidades estão mais acessíveis e Esposende ainda não tem as melhores ligações com o interior. Conta-se com uma melhoria na zona entre Fão e Esposende e as pessoas serão mais atraídas. Mas demorará o seu tempo. Aqui esta zona vai ficar fechada ao trânsito. O acesso à ponte de Fão vai ficar interdito. Haverá uma ligação



Pimenta

à ponte directamente a partir de uma rotunda perto da Solidal. Nós, os comerciantes desta zona, fomos há tempos à J.A.E. de Braga, para ver se deixavam manter o trânsito no sentido norte-sul. Não é possível. Isto vai ficar o parque da cidade. Quando? Esse é o problema maior. Quando?

Agora estamos de novo em Fão. Em casa da Esperancinha Cubelo.

- Que tal os negócios?
- Vão mal, muito mal.
- Será por causa da auto-estrada?
- Não. Já antes dela as coisas estavam mal.



Esperancinha Cubelo

- Então a que é devido esta situação?
- Eu penso que é por causa dos supermercados. Pelo menos a gente pensa assim. Vai tudo comprar fora. As pessoas aproveitam e enquanto vão passeiam.

– Desde há quanto tempo isto acontece?

– Pelo menos, desde que eu fiquei doente, que isto tem decaído que é uma coisa por demais. Para mim, não, que a casa é minha, mas para quem tem de pagar aluguer, está desgraçado.

Ainda em Fão, entrámos numa sapataria, perto do chalé. Perguntamos ao gerente, Dinis Carvalho:

– Então, prejudicado pela abertura de uma nova auto-estrada?

– Não. A nossa casa tem tido um aumento. A nova estrada não teve importância. Agora há mais espaço para estacionar. estamos a vender mais. Bem também se mudou de gerência. Poderá também ser por isso. Os preços são mais acessíveis.



Dinis Carvalho

- Em que dias se vende melhor?
- É aos sábados.
- De onde são os clientes?
- Ora bem, temos clientes daqui, mas também temos clientes de passagem: de Viana, do Porto e de outras terras.

- Portanto, confiança no futuro?
- Com certeza.

Depois fomos até à Pã-Pã. Atendeu-nos o Sr. João, o dono.

- Houve alguma diminuição nas vendas?
- Sim, senhor. Uns trinta a quarenta por cento.
- Mais durante a semana ou no fim?
- No global é quase a mesma coisa.



João da Pã-Pã

- E a “crise” vai manter-se?
- Esperamos que não. Entendo que se devem criar atractivos para esta terra. É preciso chamar as pessoas cá.

Finalmente o mais indignado comerciante local. Pelo menos, um dos mais. Álvaro Vasconcelos Valentim dono do Talho Nogueira.

- Há crise no comércio local?
- sim, acho que é grande.
- E as causas?

– E são relacionadas com o trânsito. Não há onde estacionar em Fão. As pessoas não param aqui. Repare que os de Ofir, vão comprar a Esposende. Lá estacionam à vontade.

Depois houve uma factor que veio prejudicar ainda mais. Foi a mudança da praça. As pessoas agora não vem ao centro de Fão. Compram no Bom Jesus e vão-se embora. Eu sinto-me muito prejudicado.

Há quatro anos ficou exarado em acta, numa Assembleia de Freguesia, que a praça viria de novo para o meio de Fão, para a beira do Correio. Até hoje tudo na mesma. E não sou só eu o prejudicado. Pergunte aos outros comerciantes. Está tudo indignado com a passividade da Junta.

A Junta não nos defende. O Presidente da Assembleia não quer saber do que ficou decidido há 4 ano”s.

Veremos o que o futuro nos reserva.



Álvaro Valentim

"OFIRAUTO - COMÉRCIO E REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, LDA."

Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE

N.º de matrícula 00918, N.º de inscrição N.º 1, N.º e data da apresentação 06-98/12/04. **MARIA MANUELA AMARO MARQUES**, 2.ª Ajudante, CERTIFICA que entre **José Fernando Mendanha e Silva**, divorciado e **Celeste Dias**, divorciada, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

PRIMEIRO - 1 - A sociedade adopta a firma "OFIRAUTO - COMÉRCIO E REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, LDA.", e tem a sua sede na Avenida São Januário, n.º 12, na freguesia de Fão, concelho de Esposende.

2 - Por simples deliberação da gerência a sede social poderá ser deslocada dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes e serem criadas sucursais, filiais, agências ou outras formas de representação social.

SEGUNDO - O objecto social consiste no "Comércio a retalho de peças, acessórios e veículos automóveis, óleos e lubrificantes; importação e representação, prestação de todo o tipo de serviços dentro das áreas acima mencionadas, tais como reparação, manutenção e outros similares".

TERCEIRO - 1 - O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de **QUATROCENTOS MIL ESCUDOS**, e corresponde à soma de duas quotas iguais, de duzentos mil escudos, uma de cada sócio.

2 - Os sócios ficam autorizados a fazer prestações suplementares de capital até ao montante global de dez milhões de escudos.

QUARTO - A gerência e representação da sociedade, será remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral e fica a cargo de ambos os sócios, que desde já, são nomeados gerentes.

2 - Para vincular a sociedade em todos os seus actos e contratos, é necessária a assinatura conjunta de dois gerentes, sendo bastante a de um gerente, nos actos de mero expediente.

QUINTO - A cessão total ou parcial de quotas entre sócios é livremente permitida; quando a estranhos depende do consentimento da sociedade, gozando esta em primeiro lugar do direito de preferência, seguida dos sócios não cedentes se a mesma dele não quiser usar, direito que deverá ser exercido no prazo de noventa dias a contar do conhecimento.

SEXTO - 1 - Em caso de morte, interdição ou inabilitação de qualquer sócios, a sociedade mantêm-se com os sobreviventes e capazes e com os herdeiros e o interdito ou inabilitado, devendo estes ser representados por quem direito e os herdeiros por um só entre eles nomeado.

2 - A representação referida no número anterior, deverá ser indicada à sociedade por escrito, no prazo máximo de trinta dias a contar da ocorrência, ficando esta com a faculdade de amortizar a quota ou quotas em causa, se tal não se verificar.

SÉTIMO - 1 - A sociedade tem a faculdade de amortizar as quotas dos sócios na situação prevista no artigo anterior e também quando por efeito de partilha resultante de divórcio ou separação de

pessoas e bens ou só de bens, a quota ou quotas não forem na sua totalidade adjudicadas ao respectivo titular.



• FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Últimos resultados: Fão, 3-Tibães, 0; Lage, 0-Fão, 0; Ceramistas, 0-Fão, 3; Fão, 2-Ucha, 0.

4.ª ELIMINATÓRIA DA TAÇA ASSOCIAÇÃO FUTEBOL DE BRAGA

Fão, 2-Marinhas, 2 (após prolongamento, na marcação de grandes penalidades, Fão, 7-Marinhas, 6).

O Clube Futebol de Fão alinhou com Miguel; Paulo Pedras, Henrique, Pedro e Nelito; Vítor Cardoso, David Sousa, Joel e Gabi; Mikai e Pedro Simões.

Suplentes utilizados: Carlos Ribeiro, Toni e Jô. Não utilizados: Miguel Pedras e Ventura.

Partida muito bem disputada com emoção até aos minutos finais, saindo os fangueiros vencedores desta eliminatória porque o seu guarda-redes defendeu a última grande penalidade. Após hora e meia de jogo com o resultado em branco, a assistência nervosa que esteve no campo Artur Sobral dava-se por satisfeita apesar de não ter festejado golo algum, é que foi mais um confronto entre equipas vizinhas que não defraudou as expectativas. Quando acontece uma equipa de divisão inferior eliminar outra de escalão superior diz-se que houve surpresa, mas neste caso isso não aconteceu, o Fão mostrou igual valor competitivo que o Marinhas e se na meia hora suplementar sentiu algumas dificuldades isso deve-se à inferioridade numérica, pois dois elementos seus foram excluídos do jogo devido a expulsão o mesmo acontecendo de seguida

NOTÍCIAS

• NOVA MÉDICA

Sílvia Paula Henrique Fernandes Filipe, filha de Aurélio Fernandes Filipe e de Alice Henrique Ferreira do Vale Filipe, concluiu no passado dia 14 de Dezembro de 1998, a licenciatura em Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

• ACIDENTE NA ESTRADA

No penúltimo dia de movimento na nossa estrada 13 um camião deixou cair um rolo de madeira com algumas toneladas, causando vários prejuízos à Casa da D. Ana Figueiredo, obrigando o estabelecimento de flores a encerrar por estar praticamente destruído. Os prejuízos são grandes; aguarda-se que o seguro resolva rapidamente o problema.

2 - A contrapartida da amortização será efectuada com base em balanço especial a efectuar para o efeito e o seu pagamento feito no prazo de um ano, sem juros.

Está conforme o original.

Numeradas de folhas um a três.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende aos 11 de Dezembro de 1998.

O Ajudante,

Maria Manuel Amaro Marques

a um elementos dos visitantes quando estes já venciam por 2-0, e se isto foi a nota desagradável do encontro não se deveu a ter sido uma partida quezilhenta, mas sim à exagerada autoridade do árbitro. Não se compreendeu a amostragem de cartões amarelos e vermelhos, exceptuando a primeira expulsão do jogador fangueiro.

Com o resultado desfavorável e menos homens em campo toda a gente acreditava que a sorte do jogo estava traçada a desfavor do Fão, mas os seus atletas assim não pensaram e com uma vontade impressionante, alimentada por outras virtudes porque a vontade só não chega, conseguiram nos minutos finais marcar seis golos e na marca das grandes penalidades a sorte esteve do seu lado e bem a mereceram.

Para o campeonato, os fangueiros começaram o ano em grande pois venceram com toda a justiça o Ucha, primeiro classificado, e ascenderam a esse posto. O conjunto fangueiro não acusou a falta dos jogadores punidos disciplinarmente do anterior jogo com o Marinhas realizando uma excelente exibição.

Uma curiosidade nesta partida, os dois golos foram apontados pelo defesa central Henrique.

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

Resultados: Fão, 0-Marinhas, 7; Creixomil, 0-Fão, 1; Fão, 0-Apúlia, 4.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
FÃO	10	7	1	2	16-6	22
Sp. Ucha	10	6	2	2	18-13	20
Tibães	10	5	3	2	25-11	18
Panolense	10	5	2	3	17-11	17
Prado	10	4	5	3	14-11	17
Necessidades	10	4	3	3	19-14	15
Dumiense	10	3	4	3	10-13	13
Forjães	10	4	1	5	12-20	13
Estrelas VF	10	3	1	6	9-14	10
Lage	10	2	3	5	13-17	9
Cabreiros	10	1	4	5	16-22	9
Ceramistas	10	1	1	8	12-29	4

• COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

A Direcção da Cooperativa Cultural de Fão continua empenhada em colocar a nova sede ao serviço dos cooperantes; vários impedimentos não têm ajudado a que a nova sede, situada na Avenida Visconde S. Januário, esteja já a funcionar. Espera-se que em breve isso aconteça.

A Direcção da Cooperativa saiu da sua "concha" com destino às Escolas de Santa Bárbara e Escola das Pedreiras para atribuir um prémio ao aluno de cada escola com melhor aproveitamento em português.

Esta direcção resolveu atribuir esse prémio durante o seu mandato. Espera-se que seja para continuar.

• A Mesa da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus ofereceu cobertores aos mais necessitados, durante a época natalícia.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



1. Castanheiro com dois anos

As enxertias realizam-se em qualquer época do período de dormência. Aconselha-se que este tipo de enxertia, **fenda lateral**, seja feita durante o mês de Março. Para variedades de abrolhamento mais precoce, deverá efectuar-se em Fevereiro.

Técnica de realização

- O garfo de um gomo (olho), é talhado em cunha, tendo os biséis diferentes inclinações, como se indica em(2);
- No porta-enxerto (cavalo), cerca de 15 cm acima do solo, efectua-se uma incisão para baixo e ligeiramente para o interior, de modo a penetrar cerca de 2 cm na madeira (fig. 3);



Figura 3 – Introdução do garfo no porta-enxerto (garfos de 1 gomo e de 2 gomos)).

- Para colocação do garfo, geme-se o porta-enxerto (cavalo) para o lado contrário ao do corte, até que os lábios do entalhe se separem e permitam a introdução do garfo (fig. 3);

- O garfo é mantido no seu lugar pela própria pressão que se exerce pelos lábios do entalhe do porta-enxerto;
- Procede-se ao atarraque do porta-



Figura 5 – Pormenor da zona de soldadura da enxertia. Ca de soldadura no ano da enxertia (esquerda) e no segundo ano (direita).

enxerto, cerca de 5 cm acima da zona de enxertia (fig. 4);



Figura 4 – Enxertia impermeabilizada (esquerda) e início da rebentação (direita).

- Pincelar bem a zona de enxertia e os cortes superiores do porta-enxerto e do garfo com uma substância impermeabilizante, do tipo unguento "Isolkote" ou "Flintkote";
- Para os garfos de dois gomos, quando abrolham os dois, deve-se proceder ao corte de um deles, elegendo o que estiver melhor inserido e com maior vigor, normalmente é o que está mais perto da zona de enxertia.



Figura 6 – Lançamento no ano da enxertia (esquerda) e no segundo ano (direita).

(Continua no próximo número)

FERTILIDADE E PRODUTIVIDADE

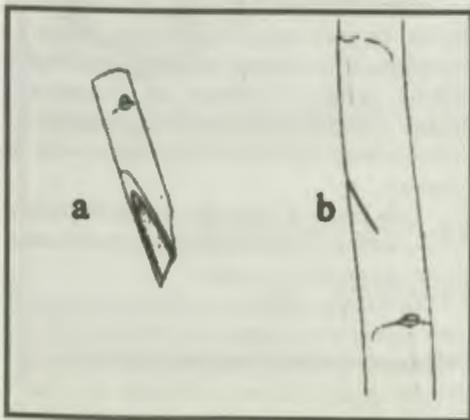
CASTANHEIRO

ENXERTIA DE FENDA LATERAL

A enxertia é uma técnica de propagação vegetativa, tendo por finalidade a conservação e multiplicação de variedades eleitas, de difícil obtenção por outro processo de multiplicação.

Este tipo de enxertia, **fenda lateral**, é o mais utilizado, devido às suas múltiplas vantagens:

- Rápida execução;
- Bom índice de pagamento (90-95%);
- Ferida de enxertia muito reduzida;
- Não necessita de ser atado.



2. Garfo de um gomo talhado em cunha (a) e corte no porta-enxerto (b).

ESCLARECER AS MUDANÇAS QUE ACTUALMENTE OCORREM NA ZONA COSTEIRA DO CONCELHO DE ESPOSENDE

1. Leitor do Público, acompanho com muito interesse as notícias e debates sobre a zona costeira, considerando-os muito valiosos, ainda que muitas vezes não se possam aceitar as opiniões neles expressa.

Dois motivos conduzem a esta posição: a falta de fundamento científico dessas opiniões, em geral a expressão de interesse imediatistas e egoístas, muitas vezes já instalados no terreno, ligados à exploração de um recurso natural não renovável, que é a *paisagem*, neste caso, a *paisagem costeira*.

Recentemente dois problemas costeiros, além de outros, têm sido debatidos nas páginas do Público: os molhes que virão a ser construídos na barra do rio Douro e a ocupação imobiliária do segmento costeiro de Ofir (Esposende).

Este artigo de opinião referir-se-á apenas ao último problema.

As notícias e comentários que os referidos problemas levantaram desconhecem (intencionalmente ou não) os resultados das investigações científicas, que há mais de 15 anos se iniciaram na Universidade do Minho sobre os problemas da *zona costeira do noroeste de Portugal*, isto é, situada entre o estuário do rio Minho e a Serra da Boa Viagem - Cabo Mondego, que inclui os segmentos costeiros do concelho de Esposende.

G. SOARES
DE CARVALHO
(Professor Catedrático
jubilado)

Por isso a "Carta Aberta sobre o Pinhal de Ofir", assinada pelo Senhor Professor Romualdo Salcedo, publicada no Público de 12 de Julho de 1998, leva-me a expôr as nossas ideias sobre os principais problemas actuais da zona costeira em que se encontra aquele pinhal.

2. O que se passa na zona costeira do concelho de Esposende; passa-se em mais de 10% dos segmentos costeiros do Globo. É uma consequência da *Mudança Global*, isto é, que ocorrem em todo o Globo. Esta mudança é provocada por uma *transformação natural* do clima e pela instabilidade permanente da interface continente-oceano, onde se encontra a zona costeira.

A consequência resultante da intervenção destes processos naturais é a *subida generalizada do nível do mar*. Um indicador deste fenómeno é a *migração das praias para o interior* (dos continentes, fenómeno frequentemente designado por "erosão das praias" ou "erosão da costa").

A instabilidade da interface está relacionada com a deformação da crosta terrestre que depende do movimento constante e da colisão das *placas tectónicas* que constituem aquela.

À mudança climática global e natural junta-se o *reforço antrópico do efeito de estufa*.

A sumariíssima referência àqueles factores apenas pretende evidenciar que a *migração das*

praias para o interior é totalmente incontrolável pelo Homem.

Saber viver com ela é sinal de sabedoria e bom-senso, o que nem sempre se verifica, como é o caso do Pinhal de Ofir.

Tornar-se-ia muito longo referir as explicações da *migração das praias para o interior*, atribuída a *causas antrópicas* que são motivadas pela acção do Homem.

Entre as *causas antrópicas* incluem-se aquelas que anulam as defesas naturais contra a migração das praias oferecidas pelos *sistemas dunares*, quando estes são degradados pelo pisoteio, pela construção de habitações, vias de comunicação, etc.

Os leitores interessados em obter informações mais completas encontrarão a nossa disponibilidade desinteressada para os esclarecer.

3. Entre os indicadores da subida do nível do mar inclui-se o recuo da faixa entre-marés, que designamos por *migração das praias para o interior* (ou simplesmente *migração das praias*), acompanhada por *galgamentos do mar* sobre a duna frontal e, localmente, pela morte (natural) de pinheiros e acácias que se instalaram nas dunas da faixa costeira.

Este último facto, observável no Pinhal de Ofir, explica-se pela migração da cunha de água salgada (devida à subida do nível do mar), que se encontra sob a toalha freática de água doce existente nos sistemas dunares; as raízes das árvores atingem a água salgada e morrem.

As "invasões de populares" têm um papel directo muito reduzido na morte das árvores. O seu papel principal reside no pisoteio (e poluição) dos espaços dunares, defesa natural contra a *migração das praias*, como já se referiu.

Exemplos de *galgamentos do mar*, muito activos quando das tempestades, podem ser observados na Praia do Belinho, nas Marinhas, a sul da Apúlia, etc.

A existência de zonas com galgamentos do mar, cuja extensão cresce de ano para ano, mostra a impossibilidade de controlar a sua dinâmica... a não ser que o Governo disponibilize *milhões e milhões de contos*, para que, com obras de defesa costeira detenha, *apenas temporariamente*, a migração acelerada das praias que eles denunciam. Desiludam-se, pois, os que pensam que com obras de defesa costeira se pode resolver o problema.

Outro aspecto a considerar, que tem consequências muito negativas, é o *pisoteio das dunas*, principalmente da *duna frontal*, nos segmentos costeiros onde ela ainda existe.

O *pisoteio* é provocado, principalmente, pelos utentes das praias que, em geral, não utilizam os passadiços sobre as dunas, pelas viaturas de todo o terreno, pelos moradores de moradias e urbanizações, pela utilização de parques de estacionamento de viaturas construídos sobre as dunas, etc.

Deste modo é destruída uma defesa natural (os sistemas dunares, sobretudo a duna frontal) contra a *migração das praias*.

O *pisoteio* destrói as coberturas vegetais naturais que fixam as areias das dunas, favorecendo a abertura de corredores eólicos e de "blow-outs" (depressões) na crista da duna através dos quais o vento desloca para o interior as areias das praias (dunas móveis).

(Continua no próximo número)

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

Cumprimentos de Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas que muito agradecemos, os srs.:

Dr. Penteado Neiva (Câmara de Esposende),

dr. José Lopes Pires de Azevedo (Figueira da Foz),
Dr.ª Adelaide de Almeida Ribeiro (Figueira da Foz),
Eng. Adelino Miranda Marques (Esposende),
Hilton José Marchesini e Maria Helena Marchesini (Brasil),
Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Esposende,
Centro Difusor de Publicidade (Lisboa),
Estalagem Zende (Esposende),
Comissão Instaladora da Escola E.B. 2 e 3,
António Correia de Oliveira (Esposende),
Santa Casa da Misericórdia

de Esposende, Direcção da Associação dos Bandeirantes (Famalicão),
Corpo Docente e Discente da Escola N.º 1 de Fão,
Grupo Accor Portugal,
Associação Rio Neiva (Antas),
João Barros (Porto),
Abel Ribeiro (Rabel) (Sr.ª da Hora),
dr. Américo Seixas (Porto),
D. Florinda Almeida e Fernando Almeida (Porto),
D. Maria Eduarda Graça



de Oliveira Viana (Fão), António Gomes Viana (Fão),
Cooperativa Cultural de Fão, Bombeiros Voluntários de Fão.

O nosso bom amigo Fernando Almeida enviou-nos, na forma do costume, o postal que temos muito gosto em inserir.

Outro bom amigo, nosso metodólogo de Filosofia (Há-cá-nos) teve a gentileza de nos enviar o poema "Duas Águas" que publicamos a seguir. Bem haja.

DUAS ÁGUAS

Água parada,
filha da cheia
que foi.

Água espelhada:
o choupou é lá,
como no ar.

Água manente:
especho da gente
que foi.

Água revolta,
do rio, além.
Água corrente,
em vai e vem,
com a maré.
Vidro encrespado,
vário, turvado:
espelho da gente
que é.

Zé de Celas

CASTELOS NA AREIA

Àquele menino
Que está a brincar
Com o seu godinho
À beira do mar
E os seus castelos
Expõe, com carinho,
Sobre a fina areia,
Assim tão singelos
Talvez nem sequer
Lhe passe na ideia
Que os vão derrubar.
E assim o bambino
Na sua inocência
É um sol aberto
Não usa a prudência.
Apesar de esperto
Não vê o menino,
Que brincam também
O mar e mulher:
Na sua odisseia
De amor e ternura
Ninguém o detém,
Beijá-la ele quer!
E assim a enleia
Cobrinha de beijos
Numa sã loucura,
E depois a areia
Toda agradecida,
Com ternos desejos

Fica embevecida
E a ele se dá!

E aqueles castelos
Que o menino fez,
Vistosos e belos,
Foi qual construção
Que já se desfez:
Jamais se verão!...
Todo em desalinho,
Já debrua a praia
Agora o seixinho,
E de mão em mão,
Em mãos de catraia,
É lindo brinquedo
Que a põe a brincar
Junto do rochedo.

Pois à semelhança,
Daquela criança,
Há também adulto
A fazer castelos,
Vistosos e belos.
Homem já de vulto,
Sem nunca pensar
De os alicerçar,
A fazer castelos,
"Castelos no ar!"
FLORINDA ALMEIDA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur Costa
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Aida Viana
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Apart. 36 - 4740 FÃO
0931.9451887 / Telex. 02-8000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - PÓVOA DE VARZIM
Telex. 615230 / 684318 - Fax 684304

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

Assembleia de Freguesia

A Assembleia de Freguesia reuniu no dia 30 de Dezembro de 1998 para apreciação do Plano de Actividades, que foi aprovado.

O orçamento suplementar e o orçamento para 1999 não tiveram aprovação. A Junta prometeu rectificações para novamente ir a votação.

Casamento

Realizou-se o casamento de José Pedra Lopes Mendes dos Santos com Sónia Maria Lima da Silva.

O banquete realizou-se no Hotel Ofir.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 - 4700 BRAGA

editorial

(Continuado da pág. 1)

Esta saliência córnea dá-lhe uma mobilidade espantosa, colocando-o como favorito nas corridas com as enguias e nos voos de resistência com os patos bravos.

E foi o homem, esse bugalho entalado, diabólico escarafunchador dos segredos da Natureza, excomungado inventor das papas de linhaça, da pomada e da escova, quem, num golpe de génio, deu corpo, forma e espírito, à mais bela, poderosa e aliciante presença no mundo – a Imprensa. O jornal, é uma partícula deste corpo luminoso, sofrendo permanentemente o peso sufocante dessas duas forças irresistíveis e dispareas que se ocultam em duas palavras breves e acutilantes como a lâmina de uma guilhotina – Deve e Haver.

Não é uma casa de negócio, todavia, as linhas com que se *case* saem dos novelos enrascantes do D. H.

Perante o Deve, os responsáveis só têm um caminho a seguir: pagar e não bufar, esquecendo o Haver, que não sei porque imperativo dos deuses, está num tempo do respectivo verbo, que só dá para perder tempo e feito.

Em face a tão sedutor dilema, há os que dão às de Vila Diogo, os que pedem um prolongamento de prazo baseados nos *milagres* e, os que sacrificam o pão dos filhos para manterem a cara no ar e... o ar do jornal.

Heróico, não acha, senhor devorador de bolotas, que lê o jornal que padece de anemia na burra, e depois o devolve sem o pagar?

Tolice, não lhe parece, senhor político mendigo, que após ter pairado alto nas asas do jornal, lhe atirou com uma paelha de coices como a Mula da Cooperativa?

Estroinice, não é verdade, senhor peniculário de todos os políticos gafados, que, por uma questão de solidariedadezinha com os tais moicanos, ferrou o cão, com uma sem-cerimónia de caloteiro encartado?

Desportivismo, não lhe quer parecer, senhor honrado de *carvalho*, que não paga o jornal que solicitou e, ao mesmo tempo, cobre de opróbio os atrasados que trás dependurados nas laudas encebadas do seu livro de assentos?

Mas isto, também, é consigo seu monhé mormento que anda para aí com o ranho suspenso dessas ventas chatas de gorila inofensivo, a discutir a cor, o paladar e, sobretudo, o atraso que às vezes verifica no aparecimento do jornal, e não repara que essa desgraça se deve ao rebolado calote que lhe ferrou nas canelas.

Você é um nojo a merecer um lugar vitalício no mais íntimo de uma das muitas *estações*, onde todos param mas, não ficam... deixam ficar.

E Vossa Excelência, Senhor Don Bairrista del Cano? Vossa Excelência, ainda não se apercebeu de que o jornal não vive de cano?

Vossa Excelência, não vê, que não é com conversa para vaca dormir, que se paga à Tipografia, essa abelha mestra que tem os seus pacientes obreiros a reclamarem, todos os fins de semana, aquilo com que se cala a voz do estômago?

Claro está, que não vê. E é pena, Senhor del Cano!.

Mas para que interrogar estes caloteiros relapsos, agilíssimos donos do esporão de gancho?

Só quem vive os problemas de um jornal, compreende e afere das responsabilidades de ordem financeira e de muitas outras ordens que andam engalhadas, como as cerejas, no corpo e na alma dos dirigentes de uma folha provinciana.

É um drama trágico, um drama que alguns loucos teimam em viver, para que não faleçam os altos ideais pátrios, para que não sucumbam os homens de boa vontade, nos embates com a má fé e a mediocridade empolada.

Um jornal custa os olhos da cara e a cara da moeda com que se compram os melões.

Claro está, que os melões comprados por tão alto preço, são sempre comidos, por inteiro ou às fatias, por um cabeça de melancia que nos parece estar na defesa da boa causa e que, ao fim e ao cabo, nos dá com as tonas na cara, como prova de reconhecimento e sinal de que já está bem servido de cartaz e a laurear as pevides...

Estes simpatiquíssimos gestos de *gratidão*, são seguidos das não menos simpáticas e *honestas* tratantadas de se lhes tirar o *retrato* e publicá-lo na primeira página com a respectiva legenda encomiástica.

Não temos o feito, poucos o têm feito em iguais circunstâncias, mas reservamos o direito de o fazer logo que a paciência leve sumiço para aguentar, fora do pelourinho, alguns senhores muito engravatados e balofos, muito circunspectos, muito mendigos de referenzinhas especiais, muito sedentos de chefia e muito falhos de dignidade.

O COMÉRCIO LOCAL

Como vai o comércio na terra de Fão? Porque motivo fazemos esta pergunta?

Como todos sabemos, dois acontecimentos recentes, um mais que o outro, vieram de certo modo influenciar a fisionomia mercantil da nossa terra, do nosso concelho e de muitos outros. Referimo-nos especialmente às grandes superfícies (supermercados) e à nova via que se estabeleceu entre o Porto e Viana.

O comércio fangueiro e concelhio foi afectado por estes "intrusos?"

Para se conhecer até que ponto esta região foi ou não afectada, abordámos as pessoas que melhor nos poderiam esclarecer, exactamente os comerciantes locais. Perguntamos-lhes se tem havido menor comércio, que causas estariam na base duma possível diminuição de receitas, que futuro espera o concelho.

Damos a seguir as respostas que nos foram apresentadas. Disse-nos Manuel Nascimento com um posto de gasolina à entrada de Fão:



Manuel Nascimento

– Vende-se menos um bocadinho, talvez uns 20%. Isto nos ligeiros. Nos pesados é que houve um banho maior.

– Estou convencido que isto no verão normaliza. Trata-se de uma via com bastante movimento e depois acontece que trabalhamos na sua maior parte com clientes certos.

– No meu entender, a vila de Fão devia ter uma via de saída exclusiva. Aqui está Ofir que é uma estância mundial ou de fama mundial. Não há um indicativo específico para sair para lá. Um automobilista ou vai ter a Goios ou vai à Apúlia".

Rumámos a seguir para Esposende e aí ouvimos José Manuel Ferreira, filho do recentemente falecido Manuel Ferreira, o homem que criou a Nélia.



José Manuel Ferreira

(Continua na pág. 7)